

Fausto Reinaga: índio, intelectual e boliviano

MARCOS LUÃ ALMEIDA DE FREITAS¹

Introdução

“La Revolución India”, es un libro insólito que se yergue contra Occidente, y anuncia al mundo: que el indio de Bolivia y de América no ha muerto; todo lo contrario, 100 millones de seres humanos discriminados y oprimidos, gritan por mi garganta: ¡LIBERACIÓN! (REINAGA, 2014: 238)

“La Revolución India”, “Manifiesto del Partido Indio de Bolivia” e “Tesis India” compõem a tríade do Indianismo proposto por Fausto Reinaga. Reinaga desenvolveu o Indianismo como uma teoria política e ideológica revolucionária de e para os índios. A maneira pela qual Reinaga busca construir o Indianismo em contraposição ao Indigenismo, comum na Bolívia e no Peru desde o início do século XX, é representativo da sua concepção política e intelectual que busca distanciar-se do pensamento europeu ou europeizante sobre e a partir do índio.

O objetivo desta apresentação é mostrar alguns dos pontos que eu e a literatura especializada consideram como centrais no pensamento deste intelectual. De minha parte, busco centralizar naquilo que foi mais apropriado por diversos movimentos indígenas, principalmente a partir dos anos 1970 quando do lançamento da tríade indicada anteriormente. Ao observarmos o desenvolvimento do atual governo boliviano, os embates sociais e políticos que o levaram ao poder e mesmo a oposição à ele vinda de grupos índios, podemos ver expressos muitos pensamentos de Reinaga deste período Indianista. É interessante notar as diversas formas em que grupos, até mesmo contrários, utilizam a maneira de ver o problema índio na Bolívia escrita por Reinaga mesmo sem citá-lo. A linguagem e as maneira de pensar a sociedade boliviana expressos nos livros de Fausto já estão de várias maneiras impregnadas nos discursos políticos de diversos setores sociais daquele país, inclusive nos setores menos progressistas. O pensamento de Reinaga serve então, ao mesmo tempo, para legitimar a luta índia (do lado do povo índio e do atual governo) e de estigmatiza-la como radical (do lado das elites brancas e mestiças).

A produção intelectual e a tríade do Indianismo

¹ Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em História do Tempo Presente pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Bolsista CAPES.

Fausto Reinaga foi um profícuo escritor. Publicou 26 livros e diversos outros tipos de publicações, entre folhetos e artigos de jornal. Iniciou sua carreira intelectual em Sucre, nos anos 1930, durante sua graduação em direito. Seu primeiro livro publicado foi “Mitayos y Yanaconas”, parte de sua monografia de graduação (escrita em 1934) que foi agraciada com o *Primer Premio Municipal de Oruro* em 1940. Esse primeiro livro marca o início do período marxista-leninista de seu pensamento, o primeiro de três períodos indicados por seus intérpretes².

Segundo CRUZ, a etapa marxista-leninista caracterizou-se por um marxismo-leninismo com uma base mariáteguiana, um posicionamento nacionalista-revolucionário e um indigenismo influenciado por Mariátegui e, principalmente, Luis E. Valcárcel. (2013: 46-48) Reinaga elegeu o marxismo-leninismo como a teoria que permitia a análise da realidade boliviana de maneira dialética. O nacionalismo-revolucionário fazia parte da construção do objetivo da revolução juntamente com o indigenismo que busca a integração do índio no projeto da nação desse nacionalismo.

A primeira etapa se esgotou principalmente após os desdobramentos da Revolução boliviana de abril de 1952 na qual Fausto participou ativamente ao lado dos grupos índios. Reinaga viu o projeto nacionalista implantado pelo *Movimiento Nacionalista Revolucionario* (MNR) através do governo de Paz Estenssoro como um problema, pois não levava em consideração as profundas raízes índias do país. A maioria da população acabou por ser incluída através da sua condição laboral (visto como camponês) e não étnica (visto como índio). Reinaga passou então a denunciar esse processo, e o racismo nele contido, para então produzir uma ideologia revolucionária que pudesse fazer frente a isso. Ele a denominou Indianismo. Assim iniciou-se a segunda etapa do seu pensamento.

Iniciado com o livro “El indio y el cholaje³ boliviano” de 1964, a etapa indianista foi a mais importante fase do pensamento de Reinaga. Sua importância se deve principalmente pela maior apropriação que as ideias dessa fase tiveram no movimento indígena como um todo. O contexto pode ajudar a explicar um pouco dessa apropriação, uma vez que as diversas ditaduras militares que ocorreram nos anos 1960 e 1970, tanto de esquerda quanto de direita, produziram um momento de ebulição dos movimentos sociais, principalmente indígenas, que

² Utilizo aqui a periodização de Gustavo Cruz (2013: 46-55) que estabelece a seguinte ordem a partir das datas de publicação dos livros de Reinaga: 1) Etapa Inicial: marxismo-leninismo, nacionalismo e indigenismo marcada (1940-1960), 2) Etapa Indianista (1964-1974) e 3) Etapa amáutica (1978-1991).

³ *Cholaje* é o grupo de pessoas conhecidas como *cholas*, mestiças.

vinham na esteira da luta que travavam de um lado a oficialidade sindical aliada dos governos militares através do Pacto-Militar Camponês (PMC) e do outro os grupos que buscavam liberar o movimento índio da cooptação dos militares⁴.

Iniciada em 1964, a etapa indianista terá seu auge no início dos anos 1970 com a tríade citada no início deste texto: “La Revolución India” de 1970, “Manifiesto del Partido Indio de Bolivia” de 1970 e “Tesis India” de 1971. Esses três livros podem ser pensados em conjunto por tratarem basicamente da mesma questão principal: a revolução índia. Embasar teórica e ideologicamente os grupos índios com o intuito de produzir um processo revolucionário em que o índio seja protagonista e que modifique a estrutura segregadora da sociedade branco-mestiça boliviana, esse é o objetivo da tríade indianista. O livro “La Revolución India” é o mais importante dos três por ser um livro de maior fôlego de escrita e reflexão. Os dois últimos, por terem sido escritos mais como documentos políticos do que teóricos-reflexivos, ainda que também tenham esse caráter, possuem uma forma mais voltada para a prática política em si, por isso são documentos de movimentos políticos sociais: um deles é do “Partido Indio de Bolivia”, do qual Reinaga foi líder e o outro uma tese apresentada original no “Congreso de la Federación Departamental Campesina de Oruro”, tendo sido utilizada em outros congressos na sequência.

O Indianismo proposto por Reinaga tem a característica de ser uma ideologia para a revolução que desqualifica os termos centrais da cartilha da esquerda tradicional boliviana ligada principalmente ao marxismo em suas diversas vertentes. A luta de classes, central na ideologia marxista para a revolução dá lugar no Indianismo, à luta racial. Para Reinaga, o problema racial é a causa da formação desigual da sociedade boliviana e do estado de escravidão e prostração em que se encontrava o índio. Analisando as conquistas índias desde a Revolução de 52, Reinaga vê que o problema da discriminação se mantém mesmo no grupo dos índios que ascenderam socialmente nas duas décadas anteriores. Enquanto pensador, Fausto sofreu na própria pele a discriminação, pois era frequentemente secundarizado em prol de pensadores mestiços e brancos. Tendo isso muito claro, Reinaga escreveu livros de críticas

⁴ O governo do general Barrientos, iniciado em 1964, foi o responsável pela criação do PMC. Ele tinha o objetivo de controlar as mobilizações sociais e ao mesmo tempo conter o processo de mudanças dado início na Revolução de 1952. “Assim, criou-se o chamado Pacto Militar-Camponês (PMC) na tentativa do governo de fazer frente às reivindicações mineiras (comunistas e consideradas subversivas) utilizando-se da estrutura sindical camponesa criada durante o governo do MNR, mantendo-se as ações clientelistas, para a criação de uma ampla base social para o governo (lembramos que a população rural representava a maior parte da população nacional, essa de maioria indígena) que pudesse fazer frente aos operários organizados na COB.” (FREITAS, 2014: 41)

ao pensamento *cholo* (mestiço) e branco nesta mesma etapa indianista, em que criticava determinados ícones da elite letrada boliviana, dentre eles: “La ‘intelligentsia’ del cholaje boliviano” de 1967.

Deste modo, Fausto sentiu-se impelido a produzir uma análise da sociedade boliviana a partir da realidade do índio e, principalmente, utilizando-se do próprio termo índio como ferramenta de unidade e coesão da história de opressão e luta. Os termos até então utilizados para tratar dos índios na Bolívia eram: o termo pejorativo índio:

Y sabemos, no ignoramos, lo que los europeos, los españoles, los Sepúlveda, y los mestizos cholos, como Gabriel René Moreno, lo que nos quieren decir, lo que nos dicen, cuando nos dicen: indios.

Nos dicen, pues, que somos raza inferior, pueblo vencido, Nación de esclavos. Indio, para el “blanco”, es el “pongo”, la “mitani”, en fin, la bestia. (REINAGA, 2001: 143)

E o termo camponês, que homogeneizava as diversas populações índias a partir da sua condição laboral, como produtores. Esse segundo termo, foi muito utilizado pelos diversos grupos, tanto à direita como à esquerda, que viam essa população a partir da luta de classes, para o caso da esquerda, e da assimilação à sociedade nacional, para o caso da direita, principalmente a nacionalista.

Assim, a própria definição do Indianismo passa pelo uso do termo índio como designativo coletivo que serve para a interpretação da história de exploração, criando assim identificação mútua.

“La Revolución India”

No soy escritor ni literato mestizo. Yo soy indio. Un indio que piensa; que hace ideas; que crea ideas.

Mi ambición es forjar una ideología india; una ideología de mi raza.

Era solo; ahora seré millones. Vivo o muerto, lúcida conciencia vital o hecho polvo, seré millones. Y haré pedazos a la infame muralla de “silencio organizado” con que me ha puesto cerco la Bolivia del cholaje... Y llegará el día en que esta Sodoma-gomórrica sociedad, aulle de dolor y llore sangre por causa de mi palabra...

(REINAGA, 2001: 45)

A citação acima mostra um pouco do caráter do texto. “La Revolución India” é o grande livro de Fausto Reinaga. Nele está contido todo o poder político e ideológico da palavra de Fausto. A narrativa está ligada intimamente à vida de seu autor e ao mesmo tempo busca servir de régua e compasso para os índios bolivianos.

O livro começa denunciando o processo de exploração colonial que beneficiou as potências coloniais europeias e que criou a nação boliviana, também colonialista. Denuncia a elite boliviana que proclama a independência no século XIX através do uso da força índia em diversas formas para depois manter o estado de exploração e de segregação.

Gracias a la herencia ideológica de la Revolución india de Tupaj Amaru, Tupaj Katari, Tomás Katari; gracias al sudor indio que extrajo la plata de Potosí, con la que se sostuvo la lucha de tres lustros y 365 días; y gracias a la sangre india que corrió a raudales a lo largo de la Guerra de la Independencia, pudo reunirse la Asamblea Constituyente de Chuquisaca y declara la Independencia del Alto Perú; y fundar (1825) pomposamente la República de Bolivia.

Gracias al indio los Olañeta, Serrano, Urcullu, hacen “su” Bolivia.
(REINAGA, 2001: 59)

A posição mais importante deste livro quanto à sua visão da história boliviana está justamente nesta denúncia de que o estado independente boliviano não foi criado para a maioria índia da população do Alto Peru, mas sim para a elite branca, herdeira dos colonizadores, que buscava manter seus privilégios longe da metrópole espanhola. A participação do índio nesse processo foi apenas ocasional e interessada, sendo descartada logo após a independência. A própria história oficial menospreza a participação índia ou cria um discurso que criminaliza determinadas figuras de liderança índia que buscavam radicalizar o movimento de independência em prol dos índios, tendo sido estes condenados à morte pelo governo republicano. A partir desse diapasão, Fausto vai reconstruir a história boliviana destacando os feitos índios e os enganos sofridos.

Conjuntamente à essa reconstrução da história boliviana, Reinaga vai também reconstruindo a história política e filosófica ocidental, destacando seus vícios e seus preconceitos contra o não-ocidental, com destaque para os índios americanos. Um dos capítulos do livro, “El mundo y el Occidente”, confronta o ocidente ao mundo índio em alguns pontos específicos como: Filosofia, Religião, Raça e Racismo, Raça e Classe, Raça e Fome, dentre outros.

Um dos confrontos mais importantes que Reinaga busca travar no livro é o confronto entre Indigenismo e Indianismo. Fausto indicava que o indigenismo apareceu no Peru no ano 1926 como um movimento literário e que depois tomou um caráter político-social. Dentre as figuras mais importantes do indigenismo citados pelo autor, estão Luis E. Valcárcel e José Carlos Mariátegui, o primeiro do lado dos gestores literários e o segundo dos gestores políticos. A crítica principal ao indigenismo foi a seguinte:

*El indigenismo encerraba un sofisma; o mejor, estaba envuelto en una nebulosa sofisticada. Lo que buscaba consciente o inconscientemente era la **integración** del INDIO en el movimiento revolucionario del cholaje de izquierda. Su acción era proselitista. Quería asimilarlo. El APRA quiso hacerlo “aprista”. El comunismo, un “comunista”, pero de corte occidental. Ni literatos ni políticos deseaban **liberar** al indio. Unos y otros en sus versos, novelas, ensayos; como en sus programas de acción política, se proponían asimilarlo. (REINAGA, 2001: 136) Grifos e maiúsculas do autor.*

Em contraposição, o Indianismo é um “movimento liberatório”. Enquanto o indigenismo buscar assimilar o índio à sociedade nacional, o Indianismo busca criar uma nova sociedade em que o índio seja o próprio “ser nacional”. Desta forma, o índio e sua cultura devem ser o centro da revolução.

Depois de localizar o indigenismo no Peru, Reinaga mostra como esse pensamento está intimamente ligado às formas com que a esquerda boliviana pensa o índio e lida com ele. No fim, a esquerda não vê o índio, só vê o camponês e o operário. É a partir daí que Fausto vai tecer suas críticas a esse grupo que era dominado principalmente pelo marxismo e que, portanto, já tinha uma solução para o problema social boliviano que não priorizava o problema étnico e o racismo que marcava a sociedade.

Além disso, Reinaga vai dissertar sobre as existência de “duas Bolívias” (uma branca-mestiça e a outra índia, sendo a segunda muito mais numerosa) e a impossível conciliação entre elas, posto que a branca-mestiça, segundo sua defesa, sempre manteve a Bolívia índia como sua escrava. Essa irreconciliação é um dos imperativos que cria a necessidade de uma revolução índia.

As questões até aqui apresentadas contidas no livro “La Revolución India”, são as bases que permitem à Fausto Reinaga construir sua proposição à cerca da necessidade da revolução nos termos indianista e permeiam toda a sua exposição da história da colonização e da república boliviana. Esses temas reaparecem nos outros livros dessa etapa indianista, mas no livro aqui abordado aparecem sistematizados e contextualizados de forma mais aprofundada.

“Tesis India” e “Manifiesto del Partido Indio de Bolivia”

Como dois documentos políticos, a “Tesis” e o “Manifiesto” possuem uma linguagem mais provocativa e propositiva dentro das suas especificidades. Ambos os textos estão relacionados com o “Partido Indio de Bolivia” (PIB) e serviram como formas de apresentar

em espaços de debate político as ideias indianistas que formavam a base do programa do Partido. Nesses textos, Fausto se empenhou em condensar as questões já apresentadas em “La Revolución India” de maneira também a tratar de assuntos do momento político em que estava, não somente fala amplamente sobre a questão índia numa perspectiva histórica, apesar de também fazer isso sucintamente.

Na “Tesis India”, por exemplo, podemos ter um definição um pouco mais precisa e pontual sobre o Indianismo:

El INDIANISMO, religión y filosofía cósmica, toma al hombre como ‘parte indesligable del cosmos’, al mismo tiempo que lúcida consciencia de libertad. El hombre, materia y espíritu actuante, llega a su plenitud dentro la armonía cósmica. Su sentimiento de solidaridad va más allá de su ser (...). El INDIANISMO es la más alta expresión del pensamiento humano de todos los tiempos. (REINAGA, 1971: 81)
Maiúsculas do autor.

Mesmo aparentemente vaga, a definição acima diz muito sobre a proposta de Reinaga e sobre seu pensamento de uma maneira geral. A ideia de uma “religião filosófica cósmica” vai sobreviver no pensamento de Fausto para além da sua fase indianista, adentrando a última fase do seu pensamento, a *Amautica* que é a mais “existencial” e “esotérica” do seu pensamento. Neste momento, Reinaga estava preocupado com uma transformação que abrangia uma mudança política e social através da luta social e da transformação intelectual. Na última etapa, a preocupação com a transformação intelectual e existencial ficou mais preponderante, principalmente quando os esforços de mudança através dos organismos do movimento social aparentemente não deram resultado, ou pelo menos não produziram a mudança esperada.

No “Manifiesto”, a preocupação com a teorização já é um pouco menos importante. O texto é mais propositivo e procura esclarecer sobre questões que o PIB tinha como chave: a luta índia chamada de epopeia índia, a reforma agrária, a revolução e o modelo de sociedade revolucionária, etc. O texto busca não só apresentar o Indianismo, mas apresentar o próprio Partido e as justificativas históricas, políticas e ideológicas para a existência dele. O PIB aparece então como o lugar de síntese da luta indianista, o lugar de onde emana e onde se concentram os esforços índios pela revolução.

El PIB, no necesita catequizar a nadie; convencer y persuadir a nadie. El PIB no es una secta religiosa, ni una ideología petrificada y nauseabunda, ni un “ismo” más que nos llega de Europa. El PIB, como la paja brava sale de la entraña de esta tierra; el PIB es el indio organizado en un partido político. Es la expresión de los intereses del Kollasuyu y del Tawantinsuyu del siglo XX; es, en fin, el espíritu y la voluntad en marcha, el imperativo

histórico de cuatro millones de indios de Bolivia; de treinta millones de indios de Indoamérica! (REINAGA, 1970: 12)

A ideia do “imperativo histórico” se configura como uma das bases do pensamento de Reinaga. Durante toda a sua obra intelectual o recurso ao passado, à história, é um meio para a construção da ideia de que os índios tem um imperativo à seguir, uma espécie de destino que vem traçado de suas raízes históricas de resistência e luta. De uma forma geral, podemos ver esse tipo de pensamento propagado desde os indigenistas peruanos da década de 1920. Reinaga levará esse pensamento aos seus extremos, uma vez que o “imperativo histórico” se desdobrará numa questão ontológica do ser índio. Reinaga terminará por colocar essa questão, na sua fase *amautica*, quase como a contribuição por excelência do índio para a humanidade. O imperativo emanaria do próprio ser índio e seria a salvação da humanidade que se viu levada ao abismo pelo pensamento ocidental, racista e colonizador.

Última palavras

O pensamento de Fausto Reinaga é extenso e controverso. Como qualquer outro pensador que tenha vivido tanto quanto ele (Reinaga nasceu em 1906 e morreu em 1994), teve seu pensamento perpassado por contradições, mudanças de rumo, retornos e crises. Neste trabalho, pretendi não apresentar muitos das questões que o pensamento de Reinaga podem suscitar, escolhi mostrar um pouco do pensamento deste profícuo escritor através daquilo que ele é mais reconhecido em sua terra de origem e no mundo da luta social índia.

Busquei apresentar o Indianismo a partir de uma visão que busca integralizar o pensamento mas com o estrito objetivo de ser claro e pedagógico. O efeito que busquei com esse texto foi o de apresentação do autor e seu pensamento mais importante, pelo alcance que teve, para um público que provavelmente não o conhece.

É importante dizer também, que este trabalho é uma pequena parte de uma pesquisa maior em andamento que busca, pelo menos em sua parte inicial, problematizar o pensamento de Reinaga naquilo que lhe caracteriza como índio e revolucionário, bem como o que caracteriza o autor enquanto intelectual e militante. Assim, espero ter podido criar nos leitores o interesse neste intelectual tão fascinante.

Referências

CRUZ, Gustavo R. **Los senderos de Fausto Reinaga**. Filosofía de un pensamiento indio. La Paz: CIDES-UMSA; Plural Editores, 2013.

FREITAS, Marcos Luã A. de. **Cultura política indígena na Bolívia**: o Tupakatarismo revolucionário da Ofensiva Roja de Ayllus Tupakataristas (1988-1991). Dissertação (Mestrado em História) Centro de Ciências Humanas e da Educação. Universidade do Estado de Santa Catarina. Florianópolis, 2014. Disponível em: <
http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1153/marcos_lua_freitas_versao_final_a5.pdf>
Acesso em: 01/05/2015.

REINAGA, Fausto. **La Revolución India**. 2 ed. La Paz: Ediciones Fundación Amautica Fausto Reinaga, 2001.

_____. **Manifiesto del Partido Indio de Bolivia**. La Paz: Ediciones PIB, 1970.

_____. **Mi vida**. La Paz: Fundación Amautica Fausto Reinaga, 2014.

_____. **Tesis india**. La Paz: Ediciones Partido Indio de Bolivia, 1971.